

Grande sertão: veredas – Uma síntese

Willi Bolle*

Resumo

Nesta síntese do romance de Guimarães Rosa, são apresentados e discutidos os seguintes aspectos: a) um resumo da composição e do enredo, para o leitor se orientar nessa obra labiríntica; b) a relação de *Grande sertão: veredas* com a tradição dos retratos do Brasil; c) a apresentação do Sertão como forma de pensamento, uma vez que Rosa optou por uma escrita labiríntica, construindo um “hipertexto”, isto é, um conjunto de redes temáticas entrelaçadas; d) o sistema jagunço, cuja lógica é retratada pelo escritor a partir de um mergulho profundo nas praxes da jagunçagem, revelando uma sociedade em acelerado processo de criminalização; e) o pacto do protagonista Riobaldo com o Diabo, interpretado aqui como alegoria de um falso contrato social e da lei fundadora do Brasil; f) o amor entre Riobaldo e Diadorim, personagem enigmática que constitui a musa da narração de Riobaldo, motivando-o a ingressar na jagunçagem e aproximando-o das pessoas do povo; g) o problema da desigualdade social, considerando-se que o romance contém numerosos retratos de pessoas do povo, entre as quais se destacam os moradores do Sertão, grande parte deles utilizada como mão de obra na “empreita de crimes” que constitui a jagunçagem; e h) o projeto do escritor de reinventar o português do Brasil, propondo a elaboração de uma língua que incentiva o diálogo entre as classes sociais. Para complementar as questões abordadas no romance, apresenta-se ainda uma introdução à topografia e à geografia física e humana do Sertão, com base em viagens realizadas nas décadas de 1960, 1990 e 2010.

Palavras-chave: *Grande sertão: veredas*; retratos do Brasil; geografia física e humana do Sertão; desigualdade social e criminalização; reinvenção da linguagem.

* Departamento de Letras Modernas da FFLCH-USP. Professor titular sênior. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5909-4000>.

Grande sertão: veredas – a synthesis

Abstract

In this synthesis of Guimarães Rosa's novel are studied the following aspects: 1) A summary of the composition and plot, to help the reader to find his way through this labyrinthine work. 2) The relationship of *Grande sertão: veredas* with the tradition of portraits of Brazil. 3) The presentation of the *Sertão* as a form of thought. Rosa opted for a labyrinthine writing style, constructing a “hypertext”, a set of intertwined thematic networks. 4) The *jagunço* system. With a deep dive into the practices of the gunmen, the writer portrays a society which is becoming criminalized on a large scale. 5) The protagonist Riobaldo's pact with the Devil. This pact is interpreted here as an allegory of a false social contract and the founding law of Brazil. 6) The love between Riobaldo and Diadorim. This enigmatic character, who is the muse of Riobaldo's narrative, motives him to join the *jagunçagem* and brings him closer to the common people. 7) The problem of social inequality. The novel contains numerous portraits of common people. A large portion of these *Sertão* inhabitants are used as workforce in the “criminal enterprise” which is the *jagunço* system. 8) The writer's project to reinvent Brazilian Portuguese. With this, he proposes the development of a language that encourages dialogue between the social classes. To complement the information provided by the novel, an introduction is given to the topography and physical and human geography of the *Sertão*, based on trips made in the 1960s, 1990s and 2010s.

Keywords: *Grande sertão: veredas*; portraits of Brazil; physical and human geography of the *Sertão*; social inequality and criminalization; reinvention of the language.

Recebido em: 22/08/2025 // Aceito em: 30/07/2026

Este artigo é a versão escrita de uma palestra que proferi em abril de 2025 na Fundação Maria Luisa e Oscar Americano (São Paulo), no âmbito da Série Literária 2025, sobre o tema “Vida e obra de João Guimarães Rosa, destacando sua obra-prima *Grande sertão: veredas*”. A base desta apresentação sintética do romance é o meu livro *grandesertão.br: o romance de formação do Brasil* (2023).

Composição e enredo do romance

Eis um resumo das sete unidades.

No **proêmio** são apresentados a situação narrativa, bem como o lugar e o tempo da narração. Riobaldo, fazendeiro do sertão mineiro e antigo jagunço, narra a história de sua vida a um visitante, um doutor da cidade. Introduzem-se, então, os cinco temas principais: o Sertão, os sertanejos, a jagunçagem, o pacto que o protagonista-narrador fez com o Diabo e a personagem Diadorim, seu grande amor.

No **recorte *in medias res*** de sua vida, Riobaldo narra sua participação no bando chefiado por Medeiro Vaz, cujo objetivo era “impor a justiça” no Sertão. Após o fracasso da travessia do deserto do Liso do Sussuarão, cavalga pelo Sertão como mensageiro entre os bandos, de Oeste a Leste e de volta para o Oeste. Depois da morte de Medeiro Vaz, a chefia do bando é assumida por Zé Bebelo, candidato a deputado. A palavra de ordem passa a ser a “eliminação da pobreza”, acompanhada da promessa de construir “pontes, fábricas, escolas...” (Rosa, 2019, p. 99).

Ocorre uma **interrupção da história narrada**. A causa é a “dificuldade” de narrar, sentida por Riobaldo, pois o Sertão

é algo de que “ninguém ainda não sabe” (Rosa, 2019, p. 78). A partir desse momento, ele passa a narrar os acontecimentos em ordem cronológica.

Na **primeira parte da vida de Riobaldo**, o “primeiro fato” é a travessia iniciática do rio São Francisco com o Menino (que mais tarde se revelará como Diadorim). Riobaldo fala também de sua mãe, a sertaneja pobre Bigrí, e do “padrinho” (seu pai), o fazendeiro Selorico Mendes, que lhe conta histórias de jagunços. Excelente aluno, Riobaldo torna-se professor particular do candidato a deputado e caçador de jagunços Zé Bebelo, mas, em meio às lutas, resolve deixá-lo. O encontro com o jagunço Reinaldo, em quem Riobaldo reconhece o Menino e que depois lhe revela o seu verdadeiro nome, Diadorim, motiva-o a entrar no bando chefiado por Joca Ramiro. O bando obtém uma vitória sobre Zé Bebelo, que é julgado e banido. O assassinato de Joca Ramiro por seus subchefes, Hermógenes e Ricardão, desencadeia “a outra guerra”.

Ocorre uma **segunda interrupção da história narrada**. Riobaldo se autoacusa por ter feito um pacto com o Diabo e passa a falar de sua “culpa” e do que “errou”.

A **segunda parte da vida de Riobaldo** começa com um conflito entre ele e Zé Bebelo, que retornou e assumiu a chefia do bando. Depois de muitas errâncias pelo Sertão, ocorre o encontro com os catrumanos, que representam o “país de mil-e-tantas misérias” (Rosa, 2019, p. 18), e com o fazendeiro seô Habão, que pretende explorar os jagunços como escravos. Riobaldo reage, fazendo, nas Veredas-Mortas, o pacto com o Diabo e tornando-se chefe do bando. Ao final, ele obtém a vitória sobre Ricardão e Hermógenes, mas ao preço da morte de Diadorim,

por quem nutriu uma paixão culposa. Só então ele descobre que Diadorim “era o corpo de uma mulher, moça perfeita” (Rosa, 2019, p. 428).

No **epílogo**, ocorre a volta da história narrada ao tempo e ao lugar da narração. Riobaldo conta que abandonou a jagunçagem. Depois de herdar as fazendas de seu pai e de se casar com Otacília, filha de fazendeiro, instala-se como um poderoso latifundiário, protegido por seus jagunços. A travessia do Sertão termina sob o signo do infinito.

***Grande sertão: veredas* e a tradição dos retratos do Brasil**

O fato de Guimarães Rosa traçar, em seu romance de 1956, um retrato do Brasil a partir da apresentação do Sertão como região central do país implica uma retomada do livro precursor *Os sertões*, de Euclides da Cunha (1902). Em *Grande sertão: veredas*, o autor realiza uma reescrita crítica de *Os sertões*, obra matricial dos principais retratos do Brasil elaborados, a partir da década de 1930, por Gilberto Freyre (1933), Sérgio Buarque de Holanda (1936), Caio Prado Júnior (1942), Raymundo Faoro (1958), Celso Furtado (1959), Antonio Candido (1959) e Darcy Ribeiro (1995).

Em relação a esses retratos canônicos, pertencentes ao gênero do ensaio acadêmico, o romance de Guimarães Rosa, que constitui também uma “forma de pesquisa e descoberta do país” (Candido, 1981, v. II, p. 112), ocupa uma posição simultaneamente complementar e concorrente, ao combinar elementos ficcionais com a apresentação de estruturas econômicas, políticas e sociais. Enquanto Euclides da Cunha raramente cede a palavra aos sertanejos, preferindo descrevê-los de uma posição autoral,

Guimarães Rosa apresenta uma “conversa” entre um “jagunço letrado” e um “doutor da cidade”, realizando um mergulho profundo no universo linguístico e mental dos sertanejos, que se manifestam em centenas de falas.

Uma introdução à topografia e à geografia física e humana do sertão

No romance *Grande sertão: veredas*, mais de 180 topônimos reais misturam-se a cerca de 50 fictícios (Viggiano, 1974). Lugares-chave, como as fazendas São Gregório, Santa Catarina, Sempre-Verde, o povoado do Sucruiú, as Veredas-Mortas e o Liso do Sussuarão, são criações do autor. Em contrapartida, referências ao Curralinho (Corinto), à Serra das Araras, à Serra da Jaíba, ao Araçuaí e ao Paredão ancoram a história narrada na geografia do sertão mineiro.

O cenário da história de vida de Riobaldo é o norte de Minas Gerais, incluindo as cidades de Curvelo e Corinto, onde se inicia o sertão. O eixo principal da região é o rio São Francisco e seus afluentes: a Leste, o rio das Velhas, o Jequitaiá, o rio Verde Grande; a Oeste, o Paracatu, o Urucuaia e o Carinhanha. Cidades como São Romão, São Francisco, Januária, Montes Claros e Brasília de Minas costumavam ser evitadas pelos jagunços. Trata-se de uma região escassamente povoada, marcada por chapadões, pelo cerrado, pelas veredas e pelos campos gerais.

A fazenda de Riobaldo, onde ele, por volta de 1930, narra sua história, localiza-se ao norte de Corinto e Curvelo, no sertão, perto do município de Lassance, à margem esquerda do rio São Francisco. A ação narrada se passa por volta de 1900.

No recorte inicial da história de Riobaldo, acompanhamo-lo na tentativa de atravessar, ao Norte, o Liso do Sussuarão. Depois do fracasso, ele cavalga do extremo Oeste ao extremo Leste, ou seja, de Goiás a Araçuaí, e, em seguida, novamente em direção ao Oeste, até o Chapadão do Urucuaia.

Em 1998, realizei com um colega, Renato Oliveira de Faria, uma viagem de pesquisa para verificar se o Liso do Sussuarão é um lugar real ou inventado. Depois cruzarmos o rio Carinhanha e entrarmos no estado da Bahia, observamos que, na representação do Liso, todos os demais cursos de água ao norte foram omitidos no romance. Dessa forma, cria-se uma paisagem desértica de cerca de “cinquenta léguas” (300 km) de extensão no sentido sul-norte, até se chegar ao rio das Fêmeas, que efetivamente existe no norte da Bahia. Perto dali, segundo o narrador, localiza-se a fazenda do Hermógenes, alvo de um ataque frustrado no início da narrativa, mas bem-sucedido próximo ao final.

No leste do sertão, visitei em 2018 o rio e a cidade de Araçuaí, onde Riobaldo teria trabalhado durante algum tempo na mineração e de onde teria trazido uma pedra preciosa de presente para Diadorim. Essas pedras, como ametista, topázio e turmalina, são ali comercializadas, ao lado de fotografias que documentam o trabalho da mineração. Viajei também em direção ao oeste do sertão, até o Chapadão do Urucuaia. A partir dos anos 1980, essa região transformou-se, no município de Chapada Gaúcha, numa “agro-chapada”.

Vejam agora as principais referências topográficas no relato da primeira parte da vida de Riobaldo, que se passa a leste do rio São Francisco. Todos esses sete lugares fazem parte da geografia real, a saber: 1) a confluência do rio-de-Janeiro com o rio São Francisco, onde ocorre o encontro com o Menino; 2) a

escola em Corinto (nome antigo: Curralinho), onde Riobaldo se forma; 3) as cidades de Brasília de Minas, Lontra e Condado, em cujo entorno Zé Bebelo obtém vitórias sobre bandos de jagunços; 4) a Serra da Jaíba, perto da qual ele é derrotado pelo bando de Joca Ramiro; 5) o local de Guaicuí, às margens do São Francisco, onde Riobaldo e Diadorim receberam a notícia do assassinato de Joca Ramiro; 6) a região entre o norte de Minas Gerais e o sul da Bahia, para onde o bando de Riobaldo e Diadorim foge várias vezes diante das investidas de soldados do governo; 7) a boca do rio Urucuia, onde eles atravessam o São Francisco para se juntar, mais a oeste, ao bando de Medeiro Vaz.

Durante as últimas décadas, ocorreram grandes mudanças no bioma do sertão. Quem nele entra, atravessando o rio Jequitinhonha perto de Araçuaí, pode observar que uma parte extensa do cerrado foi substituída por eucaliptais. Na região em torno de Brasília de Minas, continuam existindo as tradicionais fazendas de gado. Ao chegar ao rio São Francisco, percebe-se outra mudança: o nível de água baixou significativamente desde os anos de 1960. No porto de Januária, conversei com um pescador que me explicou por que também trabalha como taxista: “porque os peixes estão cada vez mais escassos”. No Mercado de Januária são vendidos os produtos típicos do sertão: farinha, rapadura, óleo vegetal, pimenta, mel, queijo, carne e cachaça. No alto Norte, na divisa entre Minas Gerais e a Bahia, onde uma ponte liga as cidades de Carinhanha e Malhada, as ilhotas de areia confirmam, mais uma vez, o baixo nível das águas do rio São Francisco. Em janeiro de 1967, ainda consegui descer o rio, num “gaiola”, de Pirapora (MG) até Juazeiro (BA). Hoje isso não é mais possível, porque o Velho Chico, “de tão

seco está baixo”, como escreveu o poeta Honorato Ribeiro dos Santos (2001), de Carinhanha. Faço minhas as palavras dele: “Ai, que saudades que tenho! / Dos apitos dos vapores”.

Vejam agora as referências topográficas no relato da segunda parte da vida de Riobaldo, que se passa no sertão a oeste do rio São Francisco. Das oito referências, metade corresponde a lugares inventados, na ordem do percurso: 1) a Fazenda dos Tucanos, onde o bando de Zé Bebelo e Riobaldo sofre um cerco pelos jagunços do inimigo Hermógenes; 2) o povoado do Sucruiú, onde ocorre o encontro com os catrumanos; próximo ao qual se situa a fazenda de seô Habão; 3) as Veredas-Mortas, onde Riobaldo faz o pacto com o diabo; 4) o Liso do Sussuarão, que o bando de Riobaldo consegue atravessar, chegando até a região dominada por Hermógenes. Os outros quatro lugares pertencem à geografia real: 5) o Chapadão do Urucuia e a Serra das Araras, por onde passa o bando chefiado por Riobaldo; 6) o estado de Goiás, por onde o bando dá uma volta estratégica; 7) o povoado de Paracatu, já em Minas Gerais, próximo ao qual é obtida a vitória sobre o bando do Ricardão; e 8) o Paredão, onde ocorre a vitória final sobre o Hermógenes.

Para conhecer os lugares-chave do cenário no oeste do sertão, recomenda-se participar da caminhada coletiva “sócio-eco-literária”, realizada desde 2014 pela organização “O Caminho do Sertão”, sempre na segunda semana de julho. Essa caminhada de sete dias, com percurso de 180 km, começa no município de Arinos, no assentamento Sagarana, e termina na entrada do Parque Grande Sertão: Veredas. Segue um breve resumo dessa travessia, da qual participei em 2017. No primeiro dia, saindo de Sagarana, atravessamos o cerrado até chegar ao rio Urucuia, no povoado de Morrinhos. Ali se encontra

uma escultura que representa a travessia iniciática do rio São Francisco por Riobaldo e o Menino (Diadorim). No segundo dia, caminhamos por uma extensa fazenda de agronegócio e por vários sítios de agricultura familiar até a Fazenda Menino, onde há mais uma escultura que representa o reencontro de Riobaldo com o Menino, desta vez na figura do jagunço Reinaldo. No terceiro dia, passamos por várias fazendas de gado até chegar à confluência do Ribeirão da Aldeia com o Ribeirão da Areia. De lá, prosseguimos, no quarto dia, por belas veredas até a vila de Serra das Araras. No quinto dia, caminhamos pelo leito seco dos rios para dentro da Serra das Araras, subindo até o lugarejo de Barro Vermelho. No sexto dia, visitamos os lugarejos Buraquinhos e Vão-dos-Buracos, onde há uma escola com um belo Cantinho de Leitura. Ao final da tarde, chegamos à pequena cidade Chapada Gaúcha, onde ocorre anualmente o Encontro dos Povos do Grande Sertão: Veredas. Na feira do evento, são apresentados produtos do sertão, serviços de saúde e projetos culturais e ambientais. Concluimos a caminhada no sétimo dia, atravessando a “agro-chapada” até a entrada do Parque Grande Sertão: Veredas. Do alto do mirante na entrada, tem-se uma vista muito bonita do vale do rio Carinhanha, em direção ao Liso do Sussuarão.

O sertão como forma de pensamento

Tanto Euclides da Cunha quanto Guimarães Rosa baseiam-se na descrição da paisagem do sertão para desenvolver, cada um a seu modo, um retrato do país. Os narradores de *Os sertões* e de *Grande sertão: veredas* apresentam-se como guias, respectivamente pelo sertão da Bahia – e por extensão, pela

caatinga do Nordeste – e o sertão de Minas Gerais, marcado pelo cerrado. O eixo que liga ambas as regiões é o São Francisco, o “rio da unidade nacional”. Ambos os escritores enxergam o sertão como **um lugar labiríntico**, mas cada um lida com esse labirinto de maneira distinta. O autor de *Os sertões*, ao relatar a guerra de 1897, faz-nos lembrar que o labirinto dos sertões foi uma perigosa armadilha para as expedições militares contra Canudos. O principal desafio estratégico foi encontrar um meio de vencer esse labirinto. Como um comandante que busca controlar o território da batalha, Euclides apresenta o sertão a partir de uma **visão do alto** – do Monte Santo e Morro da Favela –, inserindo mapas e buscando o máximo de orientação e controle sobre o que ele chama de *terra ignota, silva horrida e urbs monstruosa* de Canudos (Cunha, 1998). Enquanto Euclides escreve **sobre** o sertão – procurando controlar esse labirinto com uma visão racionalista e instrumental –, Guimarães Rosa escreve **a partir** do sertão. O ensaio de Euclides é didaticamente organizado em três partes: a Terra, o Homem e a Luta. O romance de Rosa é um fluxo ininterrupto de narração, **uma fala labiríntica**. Trata-se de um labirinto narrado – as andanças e errâncias do jagunço Riobaldo pelo Sertão –, entrelaçado ao labirinto da narração: o trabalho de memória do protagonista, no qual se misturam o racional e o sentimental, o planejado e o imprevisto. Diferentemente da visão euclidiana do alto, Guimarães Rosa opta por uma perspectiva rasteira. O narrador “pens[a] como um rio tanto anda” (Rosa, 2019, p. 248), procurando decifrar o labirinto do sertão e acompanhando as trilhas e os cursos das veredas, bem como diversos discursos sobre o sertão e o Brasil, desde as falas dos sertanejos até as dos chefes políticos. Sendo apresentado como labirinto, o sertão é recriado de forma

estética, no *medium* da língua. Como declarou o romancista, ele se identifica com o sertão como “forma de pensar e viver” (*apud* Lorenz, 1983, p. 86). Rosa tece uma rede de narração labiríntica, a fim de reproduzir o emaranhado da vida do jagunço Riobaldo e o modo como opera o pensamento do narrador.

Desde a Antiguidade, o labirinto é uma forma de representar o cérebro humano e é concebido como uma metáfora da aprendizagem. Representar o modo como o cérebro funciona foi também a aspiração de vários cientistas, especialmente no campo da informática, no qual ocorreram avanços fundamentais na época em que Guimarães Rosa elaborava o seu romance. No trabalho *As we may think*, o engenheiro Vannevar Bush (em 1945, publicado por Nelson, 1987) observou que as operações básicas da mente humana se realizam, livres da ordem linear-sequencial, por associações de ideias, por meio da construção de uma “rede de trilhas”, conexões ou *links*. Com isso, forma-se um “**hipertexto**”, conceito introduzido por Theodor Nelson (1987), no livro *Literary machines*. O potencial revolucionário do hipertexto tornou-se evidente quando foi combinado, no início dos anos 1990, com um suporte eletrônico de alcance global: a **World Wide Web**. Abriu-se, então, um espaço informacional virtualmente infinito. Não é por acaso que *Grande sertão: veredas* termina com o signo do infinito. No limiar da era eletrônica, Guimarães Rosa parece ter intuído o potencial do novo meio tecnológico. Sua caracterização da língua húngara, em um texto escrito em 1958, equivale a uma descrição bastante precisa da forma de construção de sua obra-prima:

É uma língua *in opere*, fabulosamente em movimento, [...] toda possibilidades, como se estivesse sempre em estado nascente. [...] Ela aceita quaisquer aperfeiçoamentos, [...] permite todas as manipulações

da gênese inventiva, [...] como os forames de um painel de mesa telefônica [cf. os primeiros computadores], para os engates *ad libitum* (Rosa, 1958, p. XXIV).

Ao escrever **como** o sertão, de modo não linear e não sequencial, mas por associações livres e inventivas, o romancista construiu um hipertexto, uma rede de redes temáticas. Com isso, ele proporciona ao leitor uma viagem – por meio de trilhas ou links – através de um espaço informacional, um *network*, ao qual se refere o meu livro com um título que significa *Grande Sertão: Brasil. Grande sertão: veredas* é uma rede de observações construída para observar e conhecer outras redes. Trata-se de um dispositivo textual que possibilita o estudo de diversos tipos de discursos sobre o Brasil. São redes temáticas entrelaçadas, que procuraremos decifrar em seguida.

O sistema jagunço

Resumindo o romance de Guimarães Rosa em uma frase, podemos dizer que ele apresenta bandos de criminosos em disputa pelo poder no planalto central do Brasil. O tema principal é a jagunçagem, ou seja, um sistema de violência e organização armada que se articula às estruturas do poder. O termo “sistema jagunço” não foi inventado por nenhum historiador ou cientista social, mas pelo autor de *Grande sertão: veredas* (Rosa, 2019, p. 370).

Jagunços ou capangas, segundo Oliveira Vianna (1987, p. 153-154), são “homens armados a serviço de um chefe político do sertão, que forma com eles seu exército privado”. Nesse sentido correto a palavra é usada em *Grande sertão: veredas*, cujo protagonista-narrador é um jagunço que apresenta o

funcionamento do sistema por dentro. Euclides da Cunha usa a palavra “jagunço” em um sentido mais amplo. Ao chamar de “jagunços” os habitantes da comunidade religiosa de Canudos (Cunha, 1998), ele os insere em uma categoria que contribui para a sua criminalização.

Para o leitor de *Grande sertão: veredas* conhecer por dentro o funcionamento do “sistema jagunço”, o episódio-chave é o julgamento de Zé Bebelo. Esse caçador de jagunços e aliado das forças do governo, após ter sido derrotado pelo bando de Joca Ramiro, pede para não ser executado, mas submetido a julgamento. Joca Ramiro instala, então, um tribunal no sertão, que preside com o objetivo de demonstrar “o costume velho de lei” dos sertanejos (Rosa, 2019, p. 190). Ele propõe aos cerca de 500 integrantes do seu bando que todos se manifestem, para, ao final, proferir sua opinião e anunciar a sentença.

A pergunta é: que crime Zé Bebelo cometeu? “Crime não vejo”, declara o subchefe Sô Candelário. “Ele veio guerrear, como nós também [...]: jagunço com jagunço. [...] Acho que se deve soltar este homem” (Rosa, 2019, p. 194). Também o subchefe Titão Passos afirma: “Este homem não tem crime. Pode ter crime para o Governo, para delegado e juiz de direito. Mas a gente é sertanejos. Ele quis vir guerrear – achou guerreiros! [...] O refrego de tudo já se passou. [...] Matar, não” (Rosa, 2019, p. 196). Assim, o sistema jagunço se autojustifica: reivindica o direito à guerra e à prática da violência como forma de exercício do poder.

A maioria dos jagunços é a favor da absolvição, mas dois subchefes defendem a pena de morte. “Ele veio para matar”, opina o Hermógenes. “Merece ter vida não. Acuso [...] de morte” (Rosa, 2019, p. 192). Ele tem pleno apoio do seu cúmplice,

Ricardão: “Este homem Zé Bebelo veio caçar a gente [...]. Deu prejuízos. [...] A condena que vale, legal, é um tiro de arma” (Rosa, 2019, p. 195). A essa posição opõe-se Riobaldo, com uma fala que enaltece as lutas dos jagunços: “Zé Bebelo é homem valente de bem [...]. Ele merece um absolvido [...]. A guerra foi grande [...]. Vão fazer cantigas [...]. Se a gente der condena de absolvido [...], eu acho, é fama de glória” (Rosa, 2019, p. 199-200).

Vence o argumento de manter Zé Bebelo vivo e de ele receber – como comenta ironicamente o protagonista-narrador – a “**condena de absolvido**” (Rosa, 2019, p. 200). A punição consiste em ele “ir-se embora para Goiás” (Rosa, 2019, p. 201), para “nunca mais vir guerrear com a gente” (Rosa, 2019, p. 204). Zé Bebelo agradece: “O julgamento prova que vós jagunços são civilizados” (Rosa, 2019, p. 203).

O julgamento de Zé Bebelo pode ser compreendido como uma encenação, um faz-de-conta de que a guerra dos jagunços é uma rebeldia contra o governo, ao qual Zé Bebelo tinha se aliado como “caçador de jagunços”. Na verdade, trata-se de um arranjo entre chefes locais. Os potentados do sertão não se distinguem inteiramente daqueles que mandam no governo, nas cidades, no Estado e no país. O romance não retrata um poder paralelo ao do governo, mas **o próprio poder**. O objetivo principal de *Grande sertão: veredas* é revelar o funcionamento dos discursos do poder. “Estudei foi os chefes”, diz Riobaldo (Rosa, 2019, p. 190). Ao longo do romance, acompanhamos com ele a compreensão progressiva da **jagunçagem como sistema retórico**. A encenação dos discursos da jagunçagem é feita também como forma de desconstrução desses mesmos discursos.

Uma **visão idealizada** da jagunçagem é característica das histórias narradas pelo pai de Riobaldo, o fazendeiro Selorico Mendes. Ele enaltece Joca Ramiro como “dono de glórias” e chefe de uma “turma de cabras” que “podia impor caráter ao Governo” (Rosa, 2019, p. 92). Riobaldo distancia-se desse tipo de narrativa: “De ouvir meu padrinho contar aquilo começava a dar em mim um enjoo. Parecia que ele queria se emprestar a si as façanhas dos jagunços” (Rosa, 2019, p. 92).

O contraponto às idealizações é a **desmitificação** dos chefes. “Era rico, dono de muitas posses em terras, e se arranchava passando bem em casas de grandes fazendeiros e políticos, deles recebia dinheiro de munição e paga” (Rosa, 2019, p. 132). Esse retrato poderia ser o de Ricardão, mas é o de Joca Ramiro, visto pelos olhos do jagunço Antenor. Assim, o narrador apresenta uma visão não camuflada das estruturas de poder.

Uma **visão prosaica** da jagunçagem é representada pelo fazendeiro seô Habão. Quando o bando de Zé Bebelo e Riobaldo chega às terras dele, não prevalece o discurso dos jagunços. “Zé Bebelo se via principiando a ter de falar com seô Habão nas pestes de gado, no feijão-da-seca e nos arrozais” (Rosa, 2019, p. 298). Diante do “fazendeiro-mor” como “sujeito da terra definitivo”, o jagunço “não passa de ser homem muito provisório” (Rosa, 2019, p. 298).

O encontro com aquele latifundiário evidencia também a relação da jagunçagem com **o problema social**. Riobaldo percebe que “seô Habão [...] cobiçava a gente para escravos!” (Rosa, 2019, p. 299). Isso mostra que os sertanejos pobres têm duas opções: trabalhar na lavoura e na criação do gado, em que costumam ser explorados como escravos; ou subordinar-se como jagunços a um chefe, tornando-se “braços d’armas, para o risco de todo dia” (Rosa, 2019, p. 198).

No meio dessa situação complicada surgem **discursos oportunistas e demagógicos**. O mestre desses tipos de fala é o camaleônico Zé Bebelo. Ele se apresenta ora como aspirante a deputado, prometendo “abolir o jaguncismo”, ora como grande chefe de jagunços: “ah-oh-ah *Zé Bebelo Vaz Ramiro!*” (Rosa, 2019, p. 73). Seus discursos funcionam como alegoria de um Brasil eternamente projetado para o futuro: “Deputado fosse, então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza, estreando mil escolas”. Riobaldo manifesta “enjoo” diante de tanta “fraseação” (Rosa, 2019, p. 99).

Apesar de criticar Zé Bebelo, Riobaldo torna-se seu aprendiz. Quando ele assume a chefia do bando e precisa recrutar jagunços, ele também usa um discurso demagógico:

As famílias capinam e colhem, enquanto vocês estiverem em glórias. [...] Vamos sair pelo mundo, tomando dinheiro dos que têm, e objetos e as vantagens, de toda valia... E só vamos sossegar quando cada um já estiver farto, e já tiver recebido umas duas ou três mulheres, moças sacudidas, p’ra o renovame de sua cama ou rede! (Rosa, 2029, p. 321).

Dessa forma, o protagonista apresenta o sistema jagunço como um meio para resolver os problemas sociais.

Ao fundamentar o seu retrato do Brasil numa encenação do sistema jagunço – instituição no limiar entre a lei e a ilegalidade, em que a transgressão é a regra e a guerra é permanente –, Guimarães Rosa apresenta o funcionamento das estruturas de poder no país. Em *Grande sertão: veredas*, ele retrata **uma sociedade que se criminaliza** em larga escala e na qual virtualmente todos podem ser cooptados.

O pacto com o Diabo

O lugar do pacto foram as “Veredas-Mortas”. Riobaldo tem três motivos principais para realizá-lo: enfrentar de igual para igual o archi-inimigo Hermógenes, que tinha a fama de ser “pactário”; resistir à ameaça do fazendeiro-mor seô Habão, que cobiçava os jagunços como escravos; tornar-se chefe e empreiteiro de jagunços e, a partir daí, um latifundiário e um dos donos do poder.

Diferentemente de interpretações metafísicas e esotéricas, proponho ler o pacto – ato central em *Grande sertão: veredas* – como alegoria de um falso contrato social e da lei fundadora do país. Os termos do pacto são estes: É um **“trato de iguais com iguais. Primeiro, eu era que dava a ordem”** (Rosa, 2019, p. 302, grifos próprios). Com isso, Riobaldo trai seus companheiros jagunços, que eram seus iguais, assume a chefia do bando e passa a utilizá-los até o final em benefício próprio. Esse contrato falso de Riobaldo com o Diabo remete à expressão **“Lei do Cão”**, com a qual Antônio Conselheiro e seus seguidores se referiam à Constituição da então recém-criada República do Brasil (Cunha, 1998).

Com a fórmula de “um trato entre iguais em que uma das partes dá as ordens” (cf. Rosa, 2019, p. 302), o romancista Guimarães Rosa apresenta um elemento de alta relevância teórica. A questão da **lei fundadora da sociedade civil e do Estado** constitui tema central da filosofia política de Hobbes, Locke e Rousseau. Por isso, esboçarei um diálogo entre *Grande sertão: veredas* e dois textos de Rousseau (1755 e 1762): *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes* (Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade

entre os homens) e *Du contrat social* (Do contrato social). O pacto em *Grande sertão: veredas* pode ser entendido como uma forma romaneada de representar a lei fundadora, nos termos de **um falso contrato social**. Segundo Rousseau (1755), o que fundamenta a desigualdade social e marca sua consolidação histórica é **o princípio da propriedade**. Nos tempos primordiais da história das nossas instituições humanas, o arquipersonagem do Rico, por meio de um ato de astúcia, teria instituído um falso contrato social que sanciona a desigualdade de bens como base legal da ordem política. Dessa forma, o Estado teria sido instituído e, ao mesmo tempo, capturado pelos interesses dos ricos. Além da propriedade, teriam sido institucionalizadas a justiça e a ordem político-social, consolidando as relações entre rico e pobre, poderoso e fraco, senhor e escravo.

Em termos de filosofia da história, há uma diferença importante entre os dois autores. Enquanto Rousseau (1762) relembra o falso contrato social com o objetivo de substituí-lo pelo contrato social verdadeiro, Guimarães Rosa procura revelar a ordem político-social vigente: a desigualdade entre os de cima e os de baixo. O trato entre iguais em que uma das partes dá as ordens representa uma formação político-social arcaica, que tem sido mais persistente do que as constituições. Apesar de ter havido a abolição da escravidão, aquele trato pode ainda ser considerado uma das matrizes da lei fundadora do Brasil.

Qual é a credibilidade de um personagem-narrador que fez um pacto com o “Pai da Mentira”? O narrador é, ao mesmo tempo, dissimulador e confessor: “Agora, no que eu tive culpa e errei, o senhor vai me ouvir” (Rosa, 2019, p. 227). Ao apresentar, com todos os detalhes, “as formas do falso” (Rosa, 2019, p. 227)¹,

1 Conferir também Galvão (1972).

ele revela, ao mesmo tempo, como elas são forjadas. Ao optar reiteradamente pelo uso das “formas do falso”, o protagonista-narrador nos faz conhecer todas as diferentes formas da **função diabólica da linguagem**, em que o *diá-bolos* se interpõe na comunicação entre as pessoas. Por outro lado, ao torná-las transparentes e lançar luz sobre elas, ele evoca a outra face do Diabo, a de Lúcifer, assumindo o papel de **um narrador luci-férico**.

Diadorim

O amor entre Riobaldo e Diadorim é o contraponto à “constante brutalidade” da guerra dos jagunços. Diadorim é a inspiração, a musa, a *figura* poética por meio da qual Guimarães Rosa estrutura a sua narração. Em todos os debates sobre *Grande sertão: veredas*, coloca-se a pergunta: como interpretar essa figura difícil, misteriosa e enigmática?

“Diadorim: sabendo deste, o senhor sabe minha vida” (Rosa, 2019, p. 231), declara Riobaldo para o seu ouvinte. Vejamos quais são as funções de Diadorim na composição da narrativa. O “primeiro fato” significativo na vida de Riobaldo foi, na adolescência, o encontro com **o Menino**. Na travessia iniciática do rio São Francisco com o Menino, Riobaldo experimenta os sentimentos de amor, medo e coragem, que repercutirão em toda a sua vida. Anos depois, ocorre o encontro com **o jagunço Reinaldo**, no qual Riobaldo reconhece o Menino. A atração que ele sente por Reinaldo – o qual lhe revela depois o seu nome verdadeiro, “**Diadorim**” – é, para Riobaldo, o motivo de entrar para a jagunçagem, no caso, no bando de Joca Ramiro, pai de Diadorim. Por solidariedade com Diadorim, Riobaldo se engaja também na luta contra os assassinos de Joca Ramiro.

Na atração que Riobaldo sente por Reinaldo, predominam, no relato da primeira parte de sua vida, as explicações sobre o “jeito condenado” (Rosa, 2019, p. 73) de ele gostar do seu companheiro, uma vez que o desejo sexual de um homem por outro homem era um tabu naquela sociedade machista.

No relato da segunda parte da vida de Riobaldo, a figura de Diadorim passa a ter uma presença mais discreta. Depois de Riobaldo assumir a chefia do bando e avançar em sua trajetória de tornar-se um dos donos do poder, ele resolve diferenciar-se dos companheiros jagunços e, com isso, vai se afastando do povo. Diadorim, ao contrário, identifica-se cada vez mais com o povo, como no encontro com os moradores do Sucruíú e do Pubo, quando manifesta a sua compaixão pelas crianças subnutridas e miseráveis. Um fator importante no projeto de ascensão social de Riobaldo é o seu plano de casar-se com Otacília, filha de um rico fazendeiro. Priorizando a preparação de suas núpcias, Riobaldo delega a seus subordinados a tarefa de eliminar o inimigo Hermógenes. Quando chega atrasado no lugar da luta final, no Paredão, recebe de Diadorim esta ordem mansa e irônica: “Tu vai, Riobaldo. Acolá no alto [no sobrado] é o lugar de chefe” (Rosa, 2019, p. 417). Assim, no momento decisivo, Riobaldo fica acima de seus homens, mas também isolado deles. Ele, o chefe, assiste à luta do alto e de longe, omitindo-se de duelar com o arqui-inimigo Hermógenes. Quem assume essa luta à faca é Diadorim, e Riobaldo se mostra incapaz de impedir a morte da pessoa que ele ama. Somente na preparação dos enterros dos que morreram na batalha final, Riobaldo descobre a identidade de seu companheiro: “Diadorim – nu de tudo. [...] Eu conheci! [...] Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita...” (Rosa, 2019, p. 428). Riobaldo conclui: “Eu exclamei me doendo: —

Meu amor!” Ele ordena: “Enterrem separado dos outros, num aliso de vereda, adonde ninguém ache ...”. “Ela tinha amor em mim” “Aqui a estória acaba” (Rosa, 2019, p. 429).

A narração de Riobaldo é **um trabalho de luto**, um pranto por Diadorim, a pessoa amada que ele perdeu para sempre. Num plano complementar, a recordação de Diadorim traz consigo **uma história dos sofrimentos do povo**. A combinação dos elementos masculino e feminino em Diadorim – que costuma ser lida, com razão, como expressão da “donzela guerreira” e do mito do andrógino – pode ser interpretada também como uma figuração do corpo social do povo, criado pela junção do masculino com o feminino.

O problema da desigualdade social

A história da vida de Riobaldo é imbricada com representações do “povo” e referências à “nação”. O romance focaliza a forte desigualdade entre as classes sociais. Esse tema pode ser aprofundado ao relacionar os procedimentos ficcionais em *Grande sertão: veredas* com conceitos de retratos canônicos do Brasil.

Euclides da Cunha (1998, p. 209 e 93), em *Os sertões*, relata que “a nação interveio” contra “o cerne da nossa nacionalidade”. A palavra “nação”, nesse contexto, designa o Estado, enquanto “nacionalidade” refere-se ao povo. Existiam, lado a lado, “duas sociedades, de todo alheias uma à outra” (Cunha, 1998, p. 422). A questão da nação dilacerada é retomada em *Grande sertão: veredas* num plano micro-histórico. O protagonista-narrador Riobaldo declara ser “de escuro nascimento” (Rosa, 2019, p. 37): ele nasceu da união de um latifundiário, Selorico Mendes,

com uma mulher pobre do povo, Bigrí.

Os elementos que dividem a nação foram redimensionados por Gilberto Freyre (1933) em *Casa-grande & senzala*, um estudo sobre as relações entre senhores e escravos. A leitura pelo prisma da obra de Freyre aguça a nossa percepção para a importância das fazendas em *Grande sertão: veredas*. Na Fazenda dos Tucanos, descrita como uma “casa-grande” com suas “senzalas”, Riobaldo descobre papéis velhos, do tempo do Império, dentre os quais, “a fatura de negócios com escravos” (Rosa, 2019, p. 240). Ele próprio experimenta esse antagonismo social em momentos decisivos. “Eu estava ali era feito um escravo de morte!” (Rosa, 2019, p. 157), observa Riobaldo sobre sua iniciação à jagunçagem pelo comandante Hermógenes. E, nos latifúndios de seô Habão, Riobaldo sente na carne que aquele fazendeiro-mor “cobiçava a gente para escravos” (Rosa, 2019, p. 299). Por meio do pacto com o Diabo, Riobaldo realiza, então, algo que não costuma acontecer na história real: a ascensão de um escravo a senhor.

No meio do relato das guerras, Riobaldo insere retratos de seus companheiros jagunços, que são pessoas do povo. Eis alguns exemplos: “o *Quêque*, que tinha saudade de sua rocinha antiga, desejo dele era tornar a ter um pedacinho de terra plantadeira”; “o *Coscorão*, que tinha sido carreiro de muito ofício”; “o *Moçambicão*, um negro enorme, pai e mãe dele tinham sido escravos nas lavras”; “o *Jequitinhão*, antigo capataz arrieiro”; e “o *Justino*, ferrador e alveitar” (Rosa, 2019, p. 231-232). Esse quadro é complementado por observações sobre moradores do sertão que aparecem no percurso dos jagunços: “vaqueiros vaquejando”; “um preto, descampando mato”; “um capiauzinho levando saco de milho na garupa”; “uma tropa de cargueiros”;

“um lavrador, com sua mulherzinha e cinco ou seis meninos”; “um boiadeiro, com seus camaradas”; e “um homenzinho roçando, lenhando” (Rosa, 2019, p. 59, 107, 153, 175, 213, 233, 275). E há ainda os catrumanos, do Sucruíu, um conjunto de “gente de todas as pobreza e desgraças” (Rosa, 2019, p. 319).

A presença dispersa da mão de obra em *Grande sertão: veredas* faz lembrar a observação de Darcy Ribeiro (1995), em *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, de que, ao longo da história, o sertão foi considerado um “vasto reservatório de força de trabalho barata”. Segundo Caio Prado Júnior (1942), em *Formação do Brasil contemporâneo*, o sentido da colonização do Brasil foi o de uma vasta empresa comercial. Esse tipo de abordagem foi retomado por Celso Furtado (1959), em *Formação econômica do Brasil*. Nas três atividades fundamentais da economia colonial – agricultura, mineração e extrativismo – “o empresário dirige e explora uma numerosa mão de obra que trabalha para ele e sob suas ordens” (Prado Júnior, 1971, p. 123-124). Como uma empresa comercial funciona também a jagunçagem, sendo chamada por Antonio Candido (1970, p. 145) de “empreita de crimes”.

No encontro com os catrumanos, Riobaldo tem uma visão de multidões de excluídos se movimentando em direção aos grandes centros urbanos: “E de repente aqueles homens podiam ser montão, montoeira, aos milhares mis e centos milhentos, vinham se desentocando e formando, do brenhal, enchiam os caminhos todos, tomavam conta das cidades” (Rosa, 2019, p. 281). Com isso, o romancista mostra algo que se intensificou a partir da segunda metade do século XX: o deslocamento de depauperados saindo do sertão rumo às grandes cidades, cujas periferias têm abrigado um número cada vez maior de favelas.

A reinvenção do português do Brasil

Para apresentar, no romance *Grande sertão: veredas*, seu projeto educacional, social e político, o principal estratagema do escritor Guimarães Rosa foi a reinvenção da linguagem. “Só faltou uma conversa”. Essas palavras de um morador, que vi projetadas na Praça do Povo em Canudos, em 2002, durante a comemoração dos 100 anos da publicação de *Os sertões*, contêm uma explicação simples e acertada da guerra de 1897. Foi a falta de diálogo entre os representantes da República brasileira e a comunidade rebelde de Canudos que acabou levando àquela guerra fratricida. Trata-se de um problema estrutural do Brasil. A ausência de um verdadeiro diálogo entre a classe dos letrados e o povo ainda caracteriza a nossa época, constituindo um sério entrave à emancipação plena do país.

Quantos letrados comunicam-se com os sertanejos e as sertanejas? A proposta de remediar o problema da falta de diálogo entre as classes sociais é trabalhada no romance de Guimarães Rosa em três níveis: na situação narrativa: um sertanejo contando a sua história a um doutor da cidade; na incorporação, na história narrada, de centenas de falas de pessoas do povo; e, com base nisso, na reinvenção da linguagem, que se constitui como consequência e desdobramento dos dois primeiros níveis. A situação narrativa em *Grande sertão: veredas* é, ao mesmo tempo, uma construção irônica e uma proposta utópica: um homem culto da cidade se dispõe a escutar – durante um tempo equivalente a 500 páginas – a fala de um “simples sertanejo”, um narrador que se movimenta no meio das falas do povo.

Com isso, o escritor está em permanente contato com a oficina na qual se forja a língua, e *Grande sertão: veredas* se torna

um laboratório de diálogo social e de reinvenção da linguagem. A ideia de reinventar o português do Brasil nasceu da crítica de Guimarães Rosa à linguagem existente, sobretudo à linguagem dos políticos, que ele avaliou como “uma constante charlatanice da realidade” (Rosa *apud* Lorenz, 1983, p. 77). Os principais procedimentos rosianos de reinvenção da linguagem são ativar as energias de formação da língua, considerando também a tradição literária universal; mergulhar na fala das “pessoas simples”; e fundir elementos da norma culta e das falas populares.

Quanto ao seu convívio com as energias de formação da língua, Guimarães Rosa declarou numa entrevista a Lorenz (1983, p. 79): “Enquanto eu escrevia o *Grande Sertão*, minha mulher sofreu muito, pois nessa época eu estava casado com o livro.” E mais: “A língua e eu somos um casal de amantes, que juntos procriam apaixonadamente” (Lorenz, 1983, p. 83). À aspiração do escritor de **recriar a língua** subjaz a postura de entrar em concorrência com Deus. “No fundo”, como ele próprio admitiu, “trata-se de uma concepção blasfematória, já que assim o homem se coloca no papel de amo da criação” (Lorenz, 1983, p. 83). Numa carta de 1964, Guimarães Rosa apresentou o seu projeto assim: “Eu quero tudo: o mineiro, o brasileiro, o português, o latim – talvez até o esquimó e o tártaro. Queria a língua que se falava antes de Babel” (Daniel, 1968, p. 26). O objetivo seria a criação de **uma língua universal**, na qual virtualmente todos os habitantes da Terra pudessem se comunicar.

No seu trabalho de reinventar a língua, o escritor Guimarães Rosa se apoiou nas falas do povo. Para mostrar como isso funciona, escolhi – dentre as centenas de falas de sertanejos em *Grande sertão: veredas* – uma amostra de cinco falas a serem analisadas. Essas falas, aliás, inspiraram a elaboração de uma

leitura dramática intitulada “Atores da violência – atores do diálogo”, que foi realizada entre 2004 e 2006 com um grupo de alunos da Universidade de São Paulo e dezenas de participantes de outros lugares, em doze eventos, em Minas Gerais, São Paulo, Paris e na Alemanha (Bolle, 2009). Nesse trabalho de pedagogia teatral, apresentamos, numa adaptação livre do romance, um bando de jagunços comandado pela figura diabólica do Hermógenes e tendo em seu meio Riobaldo, discutindo, na fazenda do latifundiário Seô Habão, os rumos de suas vidas.

Vamos analisar cinco dessas falas.

1) “Eu gosto de matar...”. “O que esse menino babeja vendo, é sangrarem galinha ou esfaquearem porco” (Rosa, 2019, p. 17). Com esta fala de um menino chamado Valtêi, o autor de *Grande sertão: veredas* apresenta “a ruindade nativa do homem”. Na fala de Valtêi, Riobaldo reconhece também um pedaço de si. A violência faz parte do ser humano. A lei natural da violência é, como ele observa – e como é confirmado pelas guerras e o número imenso de ações criminosas –, a lei que rege a sociedade.

2) “*Eu vi a Virgem Nossa, no resplendor do Céu, com seus filhos de Anjos!...*” (Rosa, 2019, p. 21). É o grito de Joé Cazuzo, que foi, na memória de Riobaldo, o único a “se arrepender no meio de suas jagunçagens” (Rosa, 2019, p. 21). Esta fala mostra como violência e religião convivem no universo sertanejo. Para os homens da plebe rural que não querem se engajar no sistema da produção, existem duas opções: a violência ou a religião. O próprio Riobaldo declara que ele poderia ter sido “chefe de jagunços” ou “padre sacerdote” (Rosa, 2019, p. 19).

3) “O Hermógenes tem pauta. Ele se quis com o Capiroto...” (Rosa, 2019, p. 41). Essa fala de um João Bugre ocorre quando os jagunços entram no Liso do Sussuarão, que parece

um espaço infernal. Como figura antagônica à Virgem Maria surge o Capiroto. No mundo sertanejo, ambos representam, respectivamente, o Bem e o Mal. “O medo, que todos acabavam tendo do Hermógenes gerava essas estórias”, comenta Riobaldo (Rosa, 2019, p. 295). O Diabo aparece, portanto, como figura que representa os mecanismos do poder e da dominação.

4) “Nasci aqui. Meu pai me deu minha sina. Vivo, jagunceio...” (Rosa, 2019, p. 162). É a resposta de Jõe Bexiguento à pergunta de Riobaldo sobre os motivos que levam um sertanejo a tornar-se jagunço. Para esse “broeiro peludo do Jequitinhonha”, a jagunçagem é uma ocupação provisória que lhe garante o sustento. Ele já tem um projeto para o futuro: “P’ra o Riachão vou, derrubo lá um bom mato” (Rosa, 2019, p. 161-162). O romancista valoriza também as pessoas do povo como contadores de estórias. Jõe Bexiguento é o narrador da famosa história de Maria Mutema, que assassinou o marido e, depois, também seu amante, o padre.

5) “Tirei não, nada não... Tenho nada... Tenho nada...” (Rosa, 2019, p. 285). O retrato da miséria, no encontro do bando de Riobaldo com os catrumanos, condensa-se nesta fala do menino Guirigó, que é pego em flagrante ao roubar uma casa. Esse menino é a encarnação dos sem-posse, dos menores abandonados do país.

Elementos de falas populares desse tipo são fundidos pelo romancista com elementos da norma culta, em seu processo de reinvenção da linguagem. Com isso, *Grande sertão: veredas* torna-se **um laboratório de diálogo social**. Em cada linha do romance, podemos perceber uma confiança na capacidade de cada falante de cooperar na construção da língua como um bem comum. Trata-se de um projeto de transformar a língua diabólica

– a da falta de comunicação – numa língua luciférica, no sentido original do termo: uma língua que traz para todos a luz e o esclarecimento. O projeto poético de Guimarães Rosa implica também uma utopia educacional, social e política: reinventar o português do Brasil como uma língua que sirva ao **diálogo entre as classes**.

Graças às suas qualidades de mediação social, *Grande sertão: veredas* tornou-se **um livro mágico**. Incentivar o diálogo entre as classes e contribuir para que todas as pessoas, sem exclusão, possam participar da História como cidadãos e formadores da língua: eis a tarefa. Ela é realizada em cada linha de *Grande sertão: veredas* e se resume nesta passagem-relâmpago, na qual o professor-aprendiz Riobaldo (ou seja, mestre João Guimarães Rosa) “explica aos meninos menores as letras” (Rosa, 2019, p. 87). Eu me considero um desses meninos, em solidariedade com o trabalho realizado por professores e professoras nas escolas e com as atividades do grupo dos Miguilins, inspiradas nas falas do povo e na obra de Guimarães Rosa.

Referências

BOLLE, Willi. *grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2023.

BOLLE, Willi. Vozes da violência no sertão: Leitura dramática de um episódio de *Grande sertão: veredas*. In: CHIAPPINI, Ligia; VEJMEKKA, Marcel (org.). *Espaços e caminhos de Guimarães Rosa: dimensões regionais e universalidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 263-274.

BUSH, Vannevar. As we may think. In: NELSON, Theodor H. *Literary machines*. [S.l.]: edição do autor, 1987. p. 39-54.

CANDIDO, Antonio. Jagunços mineiros de Claudio a Guimarães Rosa. In: CANDIDO, Antonio. 2. ed. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970. p. 133-160.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. 1. ed. 1959.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos*. Ed. crítica organizada por Walnice Nogueira Galvão. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998. 1. ed. 1902.

DANIEL, Mary L. *João Guimarães Rosa: travessia literária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. v. 1. 11. ed. São Paulo: Globo, 1997. v. 2. 13. ed. São Paulo: Globo, 1998. 1. ed. 1958.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. 1. ed. 1933.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 25. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1995. 1. ed. 1959.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso: um estudo sobre a ambiguidade no Grande sertão: veredas*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. 1. ed. 1936.

LORENZ, Günter W. João Guimarães Rosa. In: LORENZ, G. W. *Dialog mit Lateinamerika: Panorama einer Literatur der Zukunft*. Tübingen: Erdmann, 1970. p. 481-538.

LORENZ, Günter W. Diálogo com Guimarães Rosa. Tradução de Rosemarâ Costhek Abílio. In: COUTINHO, Eduardo (org.).

Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 62-97.

NELSON, Theodor Holm. *Literary machines*. [S.l.]: edição do autor, 1987.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1971. 1. ed. 1942.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 1. ed. 1956.

ROSA, João Guimarães. Pequena palavra. In: RONAI, Paulo. *Antologia do conto húngaro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. p. XI-XXVII.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes*. Édition établie par J.-L. Lecercle. Paris: Éditions Sociales, 1954. 1. ed. 1755.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Du contrat social*. Édition établie par J.-L. Lecercle. Paris: Éditions Sociales, 1963. 1. ed. 1762.

SANTOS, Honorato Ribeiro dos. *A morte do Velho Chico*. Carinhanha-BA, 2001. Datiloscrito.

VIANNA, Oliveira. *Instituições políticas brasileiras*. v. 1. 11. ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Edusp, 1987. 1. ed. 1949.

VIGGIANO, Alan. *Itinerário de Riobaldo Tatarana*. Belo Horizonte; Brasília: Comunicação; INL. 1974.